

Nesta região os homens empregam-se na construção de estradas, na agricultura e são muito apreciados como moleques e cozinheiros.

As mulheres tratam do amanho das casas e cultivam a terra, especialmente o milho e o sorgo, produtos indispensáveis à sua alimentação. Em menor escala cultivam o feijão e outros produtos hortícolas. A indústria é rudimentar: fabricam cestas, esteiras, panelas, zagaías, facas e machados.

Dedicam-se à caça. Alguns animais servem para a sua alimentação, outros para aproveitarem as peles. As armas que utilizam são a espingarda, o arco e a flecha. Para caçar os animais ferozes usam armadilhas, que consistem em estacas espetadas no chão, bem ligadas com cordas, formando uma espécie de gaiolas com porta corrediça.

Os indígenas negociam com dinheiro ou por troca.

A vida familiar é simples. Quando a mulher está prestes a ser mãe é rodeada por algumas vizinhas que assistem ao parto. Depois, uma delas dá um banho ao recém-nascido, enquanto outra vai comunicar ao pai o feliz acontecimento. Não há regime especial para a criança. Até fazer um ano é amamentada pela mãe e depois com a própria comida dos pais. Quem escolhe o nome da criança é o avô, o pai ou um tio.

As crianças têm certa habilidade para os ofícios manuais. É vulgar saírem das escolas missionárias, excelentes carpinteiros, alfaiates, sapateiros, etc.

Ao chegar à idade de casar, o rapaz deverá oferecer ao pai da noiva uma determinada soma de dinheiro. Recebido o presente, o futuro sogro envia a filha, acompanhada por outras mulheres, à casa do noivo, para retribuir a oferta. Assim, a filha oferece em nome do pai uma cesta com farinha e uma galinha. Cumpridas estas formalidades, isto é, a compra da mulher, principiam as festas do noivado, que se traduzem em comer e beber até fartar.

O indígena tem várias mulheres, e só os muito miseráveis é que se contentam apenas com uma.

A dissolução do casamento é possível em determinadas circunstâncias. A mulher pode pedir a anulação do casamento, quer por abandono, maus tratos, falta de alimentos e vestuário ou, ainda, por impotência sexual. O homem, por adultério, esterilidade ou por ela não cumprir as suas obrigações de trabalho. Quando isto acontece, a mulher é entregue ao pai e os filhos ficam com o marido.

Parece ser o adultério muito vulgar nesta região, mas resolve-se com extrema facilidade. Basta que o acusado pague uma indemnização ao ofendido. A maior parte das vezes o marido ofendido satisfaz-se com a indemnização e não repudia a mulher. Mas, no caso de a repudiar ou, como quase sempre sucede, a mulher recusar-se a viver com o marido, este recebe as despesas que fez com o casamento, como acontece sempre que há anulação do mesmo, qualquer que seja o motivo.

As causas mais frequentes do adultério são a velhice, a impotência e a esterilidade.

Quando o adultério é provocado pela mulher e o marido é sabedor, este vai logo procurar o chefe da família da mulher e comunica-lhe que a esposa lhe foi infiel e pede a separação ou a indemnização respectiva. Tudo se resolve tranquilamente e não há lugar para desavenças graves. É tudo questão de indemnização. No entanto, se o marido ofendido for régulo, a multa importa no dobro da que é paga normalmente.

—▷ A música é o divertimento que mais impressiona o Negro. Um batuque domina e excita todos os indígenas. Homens e mulheres de qualquer idade, e até as crianças, sentem-se atraídas fortemente ao ouvir as palmadas do batuque. Abandonam tudo, trabalho e comida, e lá vão pelo mato fora em direcção ao lugar onde ele se realiza. Os batuques ou são mistos ou são só para homens ou só para mulheres. Dançam loucamente e dançam continuamente.

Nos batuques para os dois sexos, formam em semicírculo: de um lado os homens, do outro as mulheres. Depois dançam e cantam e batem palmas, e de ambos os grupos destacam-se um homem e uma mulher, que executam determinados passos, no meio do terreiro.

Quase sempre estas danças estranhas são acompanhadas de cantares pornográficos. Os bailarinos tentam imitar, por regra, algumas vezes, os actos citados nessas cantigas.

Os batuques acabam, regra geral, numa embriaguez colectiva. Os batuques servem para comemorar casamentos, falecimentos e até para expulsar os espíritos maus. Os instrumentos musicais mais importantes são os tambores que variam de tamanho e feitio. São troncos escavados e cobertos com peles de antílopes distendidas e presas nas extremidades por cavilhas de madeira. Há batuques que servem para reunir os indígenas, para anunciar acontecimentos que reputam importantes, tais como a guerra ou a aproximação duma fera. O nome genérico do batuque é *Ngoma*.

Ao batuque de guerra chamam *Birwiri*.

Têm várias e curiosíssimas danças, tais como a *Mokokati*, que é bailada por um só indígena. É uma dança violenta, que se executa aos saltos, com contracções musculares e estranha mímica. Ao som dos tambores imitam atitudes de animais, como, por exemplo, o ataque do leão ao homem ou a outro animal.

Há várias danças que, pelo seu ritmo, têm muito interesse. Por exemplo, uma que fazem em círculo, batendo os pés no chão ou simplesmente raspando-os na terra, como se fizessem sinais de guerra a um inimigo imaginário.

Um instrumento musical muito usado é *Mbira*, que é uma espécie de caixa aberta dum lado, tendo fixas num tampo umas varinhas de ferro de vários tamanhos e seguras por arames.

Também usam o *Chindongare*, que é formado por uma varinha de bambu encurvada por meio de um fio de latão, ligado às extremidades; a *Nhanga*, construída por pequenos segmentos de cana de vários tamanhos, que são soprados alternadamente; a *Maranja*, que é uma flauta de cana; o *Dindua*, que é formado por um arco maior que o *Chindogare*, retesado também por um fio de latão em que está presa uma cabaça e que serve de caixa de ressonância. Ainda possuem a *Mpuita*, que é um instrumento composto de um cilindro de folha ou ferro, e o *Ntuco* que é feito de um corno, no qual fazem um orifício perto da ponta. No entanto, o grande instrumento é a *Marimba*. Compõe-se a *Marimba* de pequenos pedaços de madeira de vários tamanhos, ligados entre si por cordas de couro. Por baixo de cada pedaço de madeira são ligadas pequenas cabaças unidas com cera. As cabaças são de vários tamanhos, a fim de corresponderem a uma escala musical. Estas cabaças são furadas e o orifício coberto por uma película resistente, quase sempre extraída dos intestinos de qualquer animal, sendo a mais usada a película da asa de morcego. As cabaças e os pedaços de madeira são colocados numa armação também de madeira, o que permite facilmente o seu transporte.

Para tocar as *Marimbas* têm duas baquetas de madeira com cabeças de borracha virgem. A *Marimba* mais vulgar tem dez pedaços de madeira, que correspondem a dez notas e a dez escalas, maiores ou menores. O compasso e o ritmo são bem marcados e tocam, além de música indígena, músicas europeias. Os régulos de categoria têm nas suas povoações orquestras de *Marimbas* compostas de quatro, seis, oito ou dez *Marimbeiros*. Não quer

isto dizer que não haja também orquestras de doze, dezoito ou vinte *Marimbas*, tendo um chefe, ou, se quisermos, um regente de orquestra.

Diz Manuel da Cruz: «Quando um europeu ouve pela primeira vez uma só *Marimba* desagradá-lhe ao ouvido o som que ela produz, mas nas noites de luar, quando a nostalgia o domina e vai pelo mato fora e ouve o som de uma orquestra de *Marimbas* a tocar músicas que são a imitação das músicas portuguesas, sente que esses sons ultrapassam a música de Pretos e são para o seu coração saudoso autênticas melodias da terra natal. É frequente ouvirem-se os acordes do Hino Nacional. Quem nunca foi à África nunca poderá sentir essa profunda saudade que se apodera da nossa alma ao ouvir o Hino Nacional tocado num rude instrumento dum indígena que é tão português como nós. Alguns há que o tocam de tal maneira e com tal sentimento que poderíamos dizer que uma orquestra de renome não o interpretaria melhor. Apesar de música indígena, bem tocada, é autêntica música portuguesa».

Os indígenas têm jogos muito curiosos. O mais interessante é o *Sua* ou *Fuba*, espécie de jogo de tabuleiro. Este jogo encontra-se espalhado por quase todo o Mundo e é jogado pelos indígenas de Moçambique, Angola, Abissínia, Egipto, África Central, Libéria e ainda em Ceilão, Bombaim, Indochina, Java e entre os negros americanos. O *Mpira*, que se resume a atirar uma bola, é uma espécie de futebol indígena. O *Mágó*, que é jogado por mulheres, é parecido com o jogo das cinco pedrinhas das meninas europeias.

Merece referência ainda o *Mpondo*. Este é jogado por dois grupos, que, acorados no chão em duas filas, uma em frente da outra, colocam pedaços de madeira ou, à falta destes, carolos de milho. Cada jogador está munido de um pequeno pião que arremessa contra o carolo de milho ou pedaço de madeira, dando-lhe movimento de rotação. Os pequenos paus vão caindo sucessivamente quando atingidos pelo pião. Perde o jogo o grupo que primeiro tiver os mecos derrubados.

O indígena é profundamente supersticioso. Fazem cerimónias especiais dedicadas às almas dos parentes ou de régulos. Pedem às almas sorte para caçadas, para viagens, para que chova e até para não serem perseguidos pelas almas desses mesmos mortos. A ideia de Deus está tão misturada e confundida com a feitiçaria que difícil se torna acreditar que possam ter a noção perfeita da sua existência. No entanto, acreditam num ser supremo, a que chamam *Molungo* e a quem atribuem a causa de todos os fenómenos.